

## 6.

### *Estruturas em negativo e construção do espaço durante a Pré-história Recente no interior alentejano: os casos das estações de Varandas 1 e Varandas 2 (Ervidel, Aljustrel, Beja)*

SÉRGIO GOMES<sup>1</sup>, LÍDIA BAPTISTA<sup>1</sup>, RODRY MENDONÇA<sup>2</sup>, NELSON VALE<sup>2</sup> E RUI PINHEIRO<sup>2</sup>

1. ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO LDA./ CEAACP

2. ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO LDA.



#### Resumo

Este artigo tem como ponto de partida a análise da ocupação pré-histórica das estações de Varandas 1 e Varandas 2, centrando-se nas possibilidades interpretativas das relações espaciais de um conjunto de sete “fossas” identificado em Varandas 2. Ensaíamos a hipótese destas estruturas em negativo corresponderem a valas de fundação de uma construção em altura de madeira e/ou pedra.

#### Abstract

This article focus on the analysis of the prehistoric “negative structures” identified at Varandas 1 and Varandas 2. We discuss the interpretation of the spatial relationships of a cluster of “pits”, arguing how it could be related to a wood and/or stone construction.

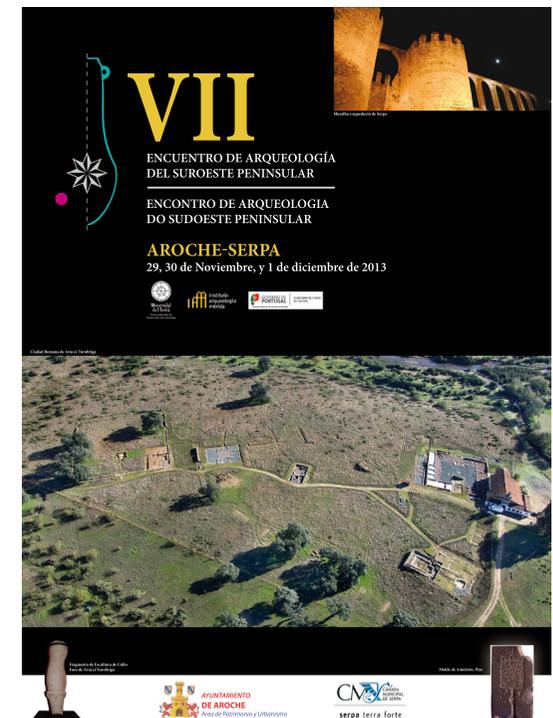




Figura 1. Vista geral da paisagem onde se localizam as estações.

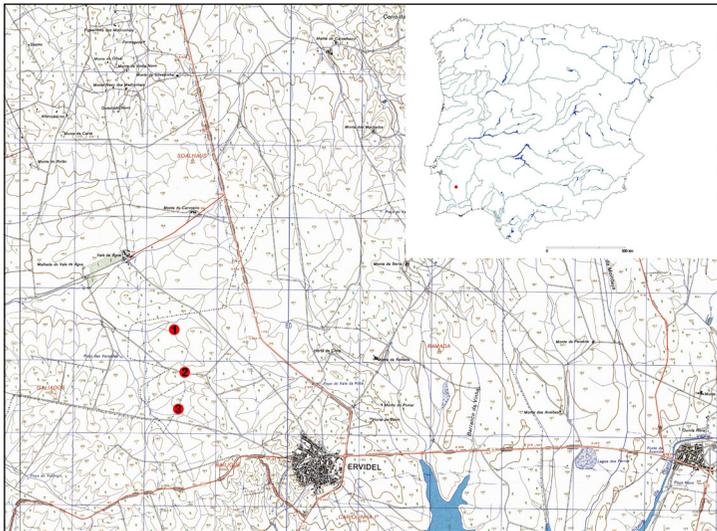


Figura 2. Localização das estações: 1 – Varandas 1; 2 – Varandas 2; 3 – Varandas 3.

## 1. INTRODUÇÃO

As intervenções em Varandas 1 e Varandas 2 (Ervidel, Aljustrel, Beja) realizaram-se no âmbito da minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra, tendo sido promovidas pela EDIA SA e executadas pela Arqueologia e Património Lda. Este artigo versa sobre a ocupação pré-histórica destas estações que, como veremos no próximo ponto, se encontra materializada num conjunto de diferentes estruturas em negativo. Centrando a nossa análise num conjunto de sete estruturas identificado em Varandas 2, pretendemos discutir o modo como tais estruturas podem ter participado na construção do espaço. Para tal, partiremos do conceito de espacialidade proposto por P. Ledrut (1999), para desenvolver a análise da ordem espacial definida pelas estruturas e discutir as possibilidades de “imaginar” o dispositivo arquitetónico em que teriam estado integradas.

## 2. SÍNTESE DOS RESULTADOS OBTIDOS NAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS EM VARANDAS 1 E VARANDAS 2

O acompanhamento arqueológico da abertura da vala de implantação de uma das condutas deste Bloco de Rega permitiu verificar a existência de uma ampla área de distribuição de estruturas em negativo. Trata-se de uma área de suaves colinas, entrecortadas por pequenas linhas de água que fazem parte da bacia hidrográfica da Ribeira do Roxo (Fig. 1). Nesta área foram consideradas três ocorrências patrimoniais: Varandas 1 (Baptista *et al.* 2013a), Varandas 2 (Baptista *et al.* 2013b) e Varandas 3 (Baptista e Gomes 2013) (Fig. 2). Esta última ocorrência corresponde a um contexto recente relacionado com a prática agrícola, pelo que não será considerado neste artigo. Varandas 1 e Varandas 2, distando entre si cerca de 500 m em linha reta, apresentam contextos articuláveis com a Pré-história Recente regional. Nos próximos sub-pontos iremos apresentar tais contextos.

### 2.1. VARANDAS 1

Em Varandas 1, aquando da abertura da vala de implantação de uma conduta, a equipa de acompanhamento registou dois contextos que aparentavam tratar-se

de estruturas em negativo; tais contextos distavam entre si cerca de 400 m. Os trabalhos desenvolvidos permitiram confirmar tal hipótese, tendo-se registado a presença de três estruturas, uma na Sondagem N.º 1 e duas na Sondagem N.º 2 (Baptista *et al.* 2013).

Na Sondagem N.º 1 foi identificada uma estrutura em negativo tipo “fossa”; apresentava uma planta sub-circular (com um diâmetro de 0,84 m no topo e 1,12 m na base), um perfil trapezoidal (com paredes regulares e uma profundidade de cerca de 90 cm) e uma base regular inclinada. No seu enchimento foi identificado um único depósito; tratava-se de um depósito homogéneo e compacto de matriz argilosa de cor castanha e tonalidade vermelha. No que diz respeito ao conjunto artefactual, é de salientar a presença de fragmentos cerâmicos e, de modo residual, restos faunísticos (fauna mamalógica). Na análise da componente cerâmica, a identificação de fragmentos de prato de bordo espessado e sem espessamento permite a associação do contexto ao Calcolítico regional.

Na Sondagem N.º 2 foi identificado um conjunto de duas estruturas em negativo tipo “fossa” (interfaces verticais UE’s 202 e 206 – Fig. 3). No âmbito das relações estratigráficas que apresentam tais estruturas, é de salientar o seguinte: as duas estavam cobertas diretamente pelas terras de lavra, tendo sido identificadas ao nível do topo do substrato geológico; a estrutura UE 202 cortava o depósito de topo do enchimento da estrutura UE 206, sendo, deste modo, possível estabelecer uma relação de posterioridade entre a construção da estrutura UE 202 e a estrutura UE 206. Estas estruturas apresentavam morfologias e dimensões distintas:

- a estrutura UE 202 apresentava uma planta sub-circular (com um diâmetro de cerca 1,7m), paredes tendencialmente retas (com 0,5 m de profundidade) e fundo plano;
- a estrutura UE 206 apresentava uma planta sub-circular (com um diâmetro de 2,4 m ao nível da boca e 3,4 m na base), um perfil trapezoidal (1,5 m de profundidade) e base plana.

A estrutura UE 202 apresentava-se, então, bastante “menor” do que a estrutura UE 206, apresentando também uma forma tendencialmente aberta, que contrastava com a forma fechada da estrutura UE 206. Estas diferenças de morfologia e dimen-



Figura 3. Varandas 1, Plano Final da Sondagem N.º 2.



Figura 4. Varandas 1, amostra da componente cerâmica exumada na Sondagem N.o 2.

sões eram acompanhadas de diferenças ao nível da sequência de enchimento. Com efeito, a estrutura UE 202 apresentava apenas um depósito de enchimento (a UE 201); por sua vez, a estrutura UE 206 apresentava três depósitos de enchimento (um dos quais, a UE 204, apresentava uma matriz argilosa de cor cinzenta, com inclusão de carvões e uma concentração de fragmentos cerâmicos). No que diz respeito à componente artefactual, é de salientar que as duas estruturas apresentavam fragmentos de recipientes cerâmicos e restos faunísticos (fauna mamalógica); o único elemento lítico ocorre na UE 203, tratando-se de um percutor em quartzo leitoso. Na componente cerâmica, é de salientar que a presença de fragmentos de bordo espessado e sem espessamento permite a inserção das estruturas no âmbito do Calcolítico regional (Fig. 4).

## 2.2. VARANDAS 2

Durante o acompanhamento da abertura das valas de implantação das condutas, a equipa de acompanhamento da obra identificou um total de onze contextos com interesse arqueológico. No sentido de averiguar a natureza de tais contextos, foram realizadas onze sondagens que permitiram verificar que (Baptista *et al.* 2013b):

- dois desses contextos são articuláveis com perturbações recentes do subsolo, provavelmente decorrentes da prática agrícola (Sondagens N.o 1 e 9);
- os restantes correspondem a estruturas em negativo, que poderão estar relacionadas com a ocupação pré-histórica testemunhada pelos conjuntos artefactuais exumados nas estruturas de Varandas 1;
- do conjunto de estruturas referidas no ponto anterior consta um conjunto de dez “fossas” e uma estrutura em negativo de planta em forma de “osso”.

A estrutura em negativo de planta em “osso” encontra paralelos em várias estações da Pré-história Recente do interior alentejano (Baptista e Gomes *no prelo*). A estrutura de Varandas 2 apresenta as seguintes características:

- dimensões – um comprimento de 4,17 m, uma largura máxima de 0,9 m, uma largura mínima de 0,57 m, uma profundidade mínima de 0,49 e uma profundidade máxima de 0,65 m;

- orientação – o eixo maior apresenta uma orientação NE-SW;
- perfis – eixo maior em W; eixo menor em U;
- enchimento – um depósito de enchimento de matriz argilosa, cor castanha, compacto e homogéneo;
- componente artefactual – sem componente artefactual.

As dez “fossas” apresentam uma planta sub-circular, paredes inclinadas e fundo côncavo; o diâmetro de topo oscila entre 0,7 m e 1,2 m e a profundidade entre 20 cm e 60 cm. Quanto ao enchimento, apresentam um único depósito (homogéneo e compacto, de matriz argilosa de cor castanha). Do ponto de vista artefactual, nenhuma das estruturas apresentava qualquer elemento desta natureza. Na distribuição espacial deste conjunto de estruturas (Fig. 5) é de salientar a ocorrência de:

- uma estrutura isolada (Sondagem N.º 8);
- um conjunto de duas estruturas (Sondagens N.º 4 e 7);
- e um conjunto de sete estruturas (Sondagens N.º 3, 5, 6, 10 e 11).

A análise da distribuição espacial encontra-se condicionada pela área de afetação do projeto (um corredor de cerca de 3 m de largura), de qualquer modo, quando observamos o conjunto de sete estruturas (Fig. 6), parece inegável o facto das estruturas apresentarem uma lógica de distribuição que merece ser analisada com mais atenção.

### 3. A ESPACIALIDADE DO CONJUNTO DE SETE ESTRUTURAS DE VARANDAS 2

Na morfologia e na distribuição espacial deste conjunto de estruturas, consideremos os seguintes aspetos:

- trata-se de um conjunto que, em termos morfológicos, se apresenta relativamente homogéneo, podendo considerar-se duas categorias de dimensões: Categoria A – estruturas com diâmetro entre 70 e 80 cm (estruturas UE's 303, 501, 601, 1001, 1101); Categoria B – estruturas com um diâmetro igual ou superior a 120 cm (estruturas UE's 304 e 305) (Fig. 7 e 8);
- no modo como estão distribuídas as estruturas, é possível reconhecer uma

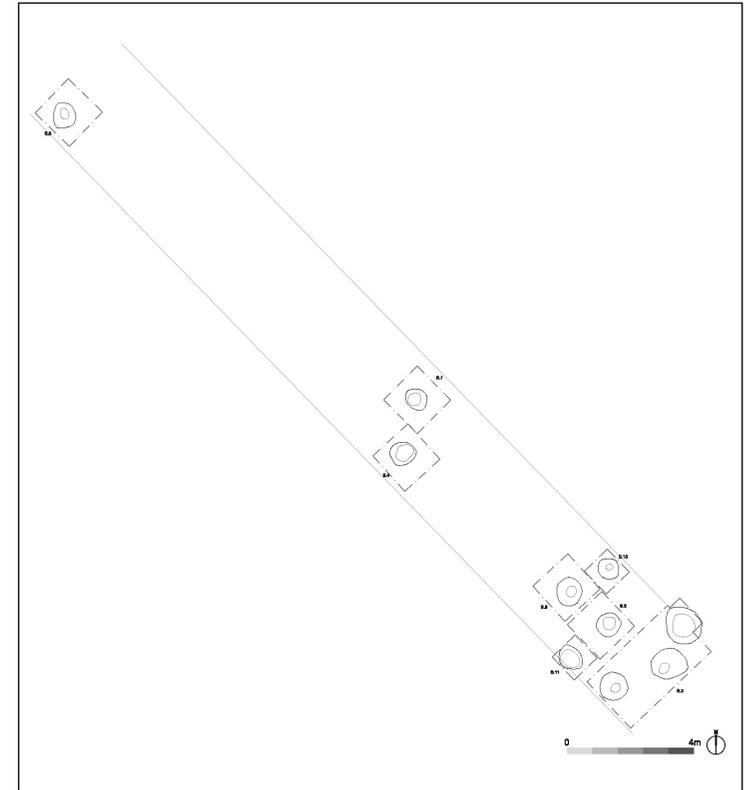
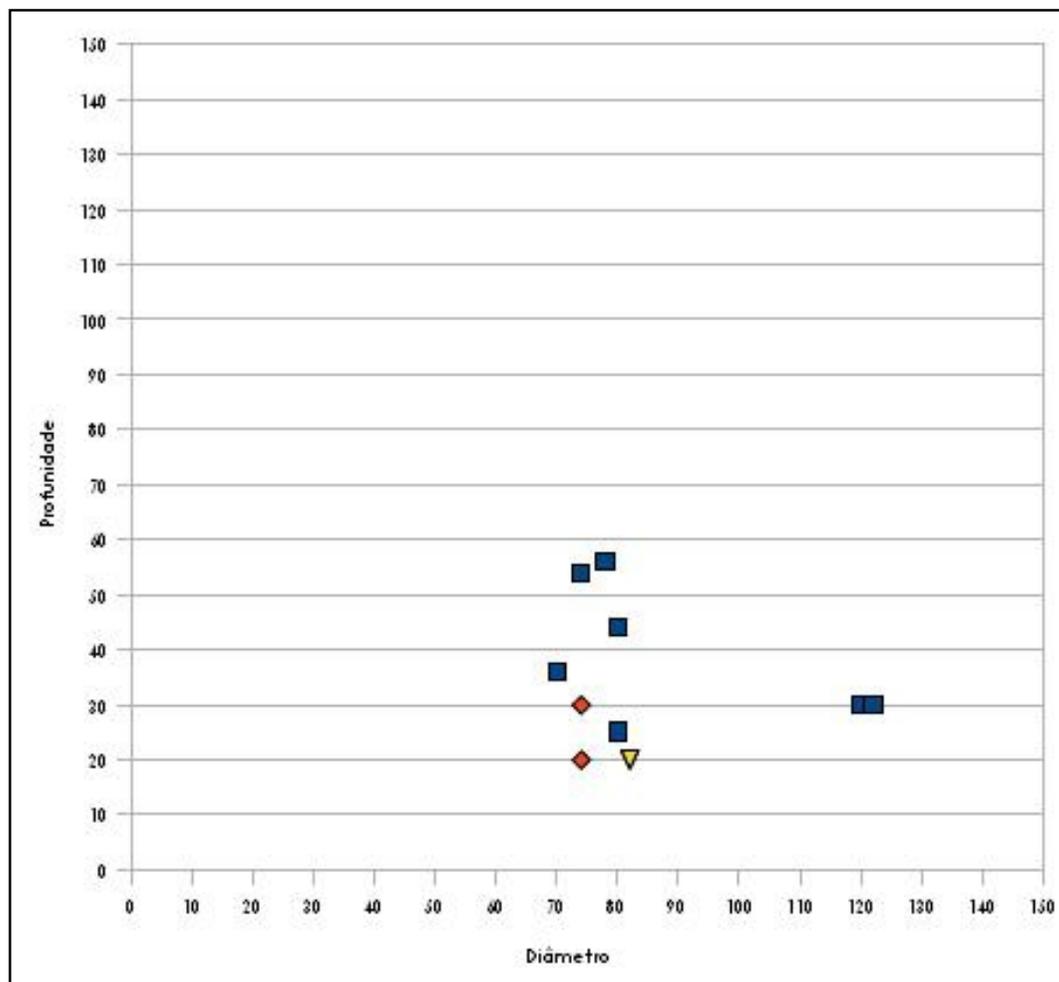


Figura 5. Varandas 2, planta geral da área da ocorrência das “fossas”.



Figura 6. Varandas 2, vista geral do conjunto de sete estruturas.

Figura 7. Varandas 2: Gráfico – Dimensões das estruturas em negativo de planta sub-circular (quadrados azuis – Sondagens N.º 3, 5, 6, 10 e 11; losangos laranja – Sondagens N.º 4 e 7; e triângulos amarelos – Sondagem N.º 8).



tendência circular, sendo possível traçar uma circunferência que passa, mais ou menos, no centro das estruturas UE's 304, 303, 305, 601, 1001 e 1101; localizando-se a estrutura UE 501 no centro de tal circunferência (Fig. 9);

- na distância entre as estruturas, parece existir uma padronização: a distância entre os pontos centrais das estruturas UE's 303 e 1101 é idêntica à distância entre os pontos centrais das estruturas UE's 601 e 1001; e a distância entre os pontos centrais das estruturas UE's 501 e 601 é idêntica à distância entre os pontos centrais das estruturas UE's 501 e 1001 (Fig. 9);
- quando consideramos um eixo com orientação E-W, a passar no centro das estruturas UE 501 e 305, parece existir uma simetria na organi-

zação espacial das estruturas (Fig. 9).

Os aspetos que acabamos de enunciar traduzem uma coerência que nos permite reconhecer uma ordem neste conjunto de estruturas. Uma ordem que nos dá pistas acerca do modo como a comunidade construtora destas estruturas terá organizado o espaço durante tal construção. Esta ordem pode ser problematizada no âmbito dos “modos de espacialização” de que nos fala Raymond Ledrut (1998 [1990]: 69-71). Atentemos à hipótese de trabalho que nos propõe este autor:

“Podemos dizer que qualquer cultura, sendo concreta, tem uma dimensão espacial e, por conseguinte, o seu tipo de espacialidade. Isto significa três coisas. Em primeiro lugar, não há espaço em si, independentemente do comportamento dos homens (simultaneamente os indivíduos sociais e as colectividades de indivíduos), forma ou coisa, moldura ou continente, já determinado antes de qualquer acção humana (que pressupõe tanto a representação como a operação); o espaço é produto, isto é: nunca há espaço, há espacializações. Em segundo lugar, a espacialização, que faz intervir o antropológico total, o psicobiológico e o sociológico, obedece a condições gerais tais que podemos falar do «Espaço». Há algo comum a todas as espacialidades humanas: é o processo produtivo do espaço como «ordem das coexistências possíveis» (Leibniz). Conviria que vissemos agora as diferenças que podemos reconhecer entre o espaço das espécies animais e o espaço dos homens. Em terceiro lugar, esta espacialização (ou produção do espaço) universal tem modalidades particulares que são características dos sistemas e dos tipos culturais, e a essas modalidades particulares chamaremos nós modos de espacialização” (ibid: 70).

O «Espaço» é, neste sentido, um produto. Enquanto produto, tal “Espaço” é uma espacialidade ou o processo de produção de uma “ordem das coexistências possíveis”, explica Ledrut, citando Leibniz. As espacialidades humanas apresentam modalidades particulares, diferindo na “ordem das coexistências possíveis”. A cada espacialidade corresponde, assim, modos de espacialização distintos ou diferentes modos de construção da “ordem das coexistências possíveis”. Com esta hipótese de trabalho, R. Ledrut ensaia uma história dos modos de espacialização considerando a existência dos seguintes “períodos/modos”: o Arcaico, o Antigo, o Medieval, o Barroco, o Capitalista Liberal e o Capitalista Técnico-Burocrático. No âmbito de

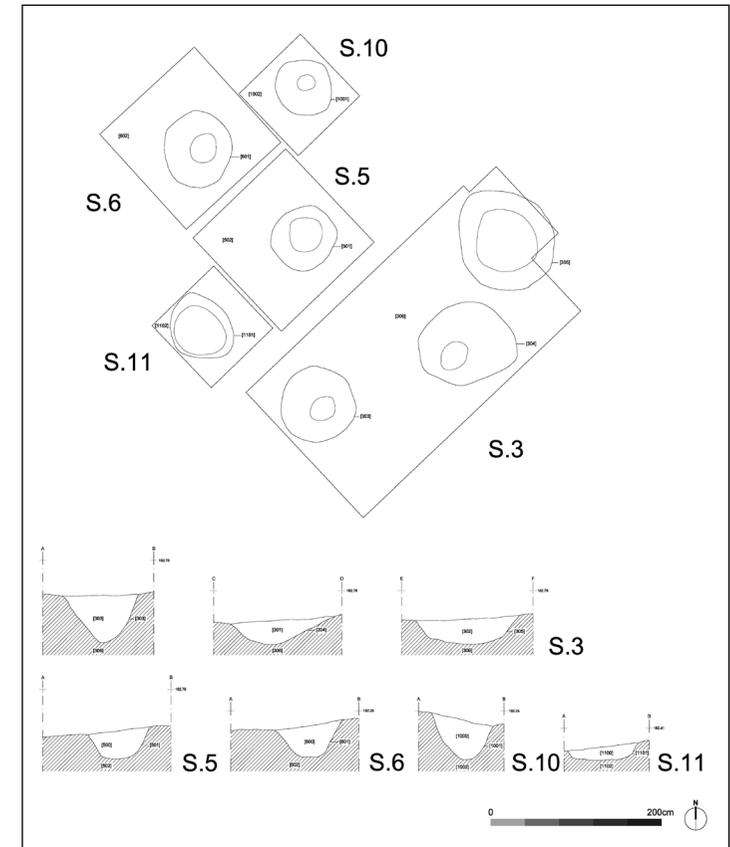


Figura 8. Varandas 2, Planta e Perfis do conjunto de sete estruturas.

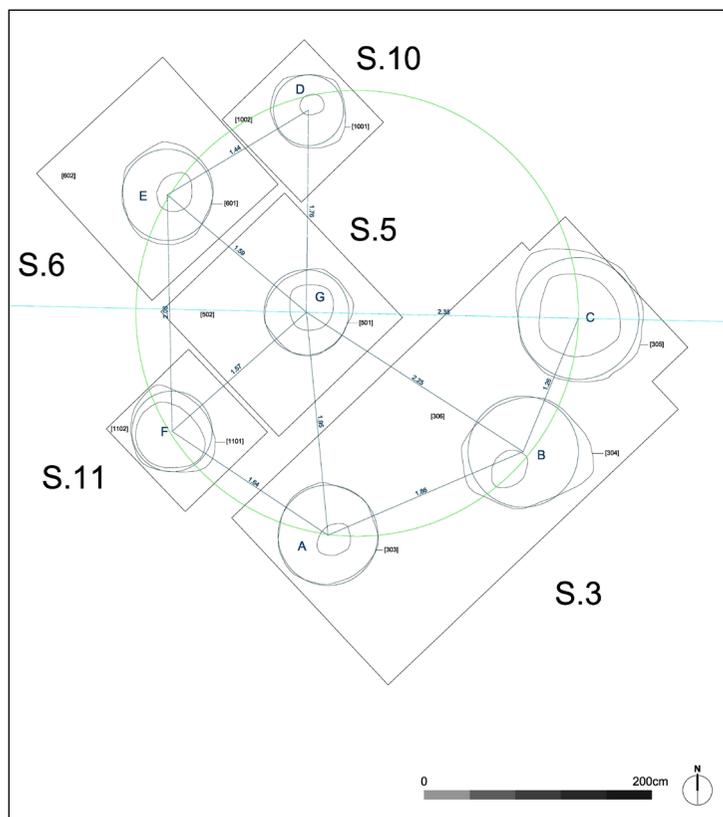


Figura 9. Varandas 2, “organização espacial” do conjunto de sete estruturas.

cada uma destes modos de espacialização, reconhece a existência de diferentes contornos nas suas características e relações fundamentais, designadamente no que diz respeito: às relações entre a Forma e a Matéria; ao carácter finito/infinito, heterogéneo/homogéneo, aberto/fechado do “Espaço”; as relações e organização entre o interno e externo, a mobilidade e a rigidez (ibid.: 79-88).

Retomemos os aspetos da organização espacial do conjunto de estruturas em análise, nomeadamente, a padronização da sua morfologia e relações espaciais. De tais aspetos decorre uma coerência na construção do espaço, na qual podemos considerar uma “ordem das coexistências possíveis”. Desta ordem resulta a possibilidade de considerar uma delimitação espacial de configuração circular. Considerando esta delimitação espacial pretendemos desenvolver dois exercícios: um dos exercícios tem como propósito discutir a planta desta concentração de estruturas; o outro corresponde à possibilidade de estarmos face a valas de fundação de construções em altura.

### 3.1. A PLANTA DO CONJUNTO: A POSSIBILIDADE DE UMA OITAVA ESTRUTURA

Como já referimos, a leitura que podemos ter da planta do conjunto de estruturas encontra-se condicionada pela área de afetação da obra. A nossa área de observação direta do subsolo corresponde a um corredor de uma vala de implantação de uma conduta. Assim, se, por um lado, temos uma ampla área de observação no eixo longitudinal, por outro lado, tal observação encontra-se muito condicionada por se tratar de um corredor com apenas cerca de 3 m de largura. De qualquer modo, a área de afetação permitiu-nos reconhecer uma ordem no modo como se apresentam as estruturas, ou seja, foi suficiente para podermos considerar a hipótese do conjunto de estruturas ter funcionado como uma “unidade”. Porém, essa ordem, longe de fechar essa unidade, enfatiza o facto do conjunto de estruturas poder corresponder apenas a uma parte<sup>1</sup>. Com efeito, considerando a possibilidade de estarmos perante um dispositivo arquitetónico de planta circular, o padrão da distribuição espacial das estruturas permite-nos colocar a hipótese da existência de uma oitava estrutura.

Quando traçamos uma circunferência que passa pelos pontos centrais das estruturas, constata-se que parte se desenvolve numa área que não foi intervencionada

da. No sentido de explorarmos a possibilidade da área que não foi intervencionada apresentar mais uma estrutura, consideremos uma reta que passa no centro da estrutura UE 305 e no centro da estrutura UE 501. Traçando esta reta é possível visualizar um jogo de simetria na planta do conjunto de estruturas. Admitindo tal simetria podemos, então, colocar a hipótese deste conjunto contemplar uma oitava estrutura, morfologicamente idêntica à UE 304, localizada na área que não foi intervencionada (Fig. 10).

É de salientar que, considerando a possibilidade da simetria na construção do espaço, o eixo de tal simetria apresenta uma orientação E-W. Esta orientação do dispositivo arquitetónico pode estar relacionado com uma vivência de representações cosmológicas e astronómicas semelhantes às que são consideradas por A. Valera e H. Becker (*no prelo*) a propósito dos recintos de fossos.

### 3.2. POSSÍVEIS CONSTRUÇÕES EM ALTURA

Ao questionarmos uma eventual função destas estruturas, parece-nos pertinente colocar a possibilidade de corresponderem a “valas de fundação” de construções em altura. No âmbito da discussão das inúmeras possibilidades de tais construções, é de colocar a hipótese deste conjunto se tratar das fundações de construções em madeira semelhantes aos “wood henge”, “timber circle”, ou “roundhouses” referidos na literatura inglesa (Bradley 2007; Thomas 1999; Whittle 1996, por exemplo). A este propósito, é de referir que tal possibilidade foi colocada para concentrações de estruturas em negativo identificadas nos sítios de Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa) e Moreiros 2 (Assunção, Arronches) por A. Valera e V. Filipe (2012).

No caso de Outeiro Alto 2, esta possibilidade é colocada a partir de um núcleo de 38 estruturas em negativo de diferente morfologia, quatro das quais (3 hipogeus e uma fossa) apresentavam níveis de inumação articuláveis com o Neolítico Final e as restantes quase não apresentavam elementos artefactuais no seu enchimento. Uma análise deste último grupo de estruturas permitiu constatar a existência de três classes morfológicas com diferentes índices de profundidade, cuja distribuição espacial permite visualizar a existência de uma organização circular. Perante tal, os autores concluem que “este núcleo de fossas poderá corresponder às fundações de uma estrutura de tipo círculo de madeira, eventualmente também a

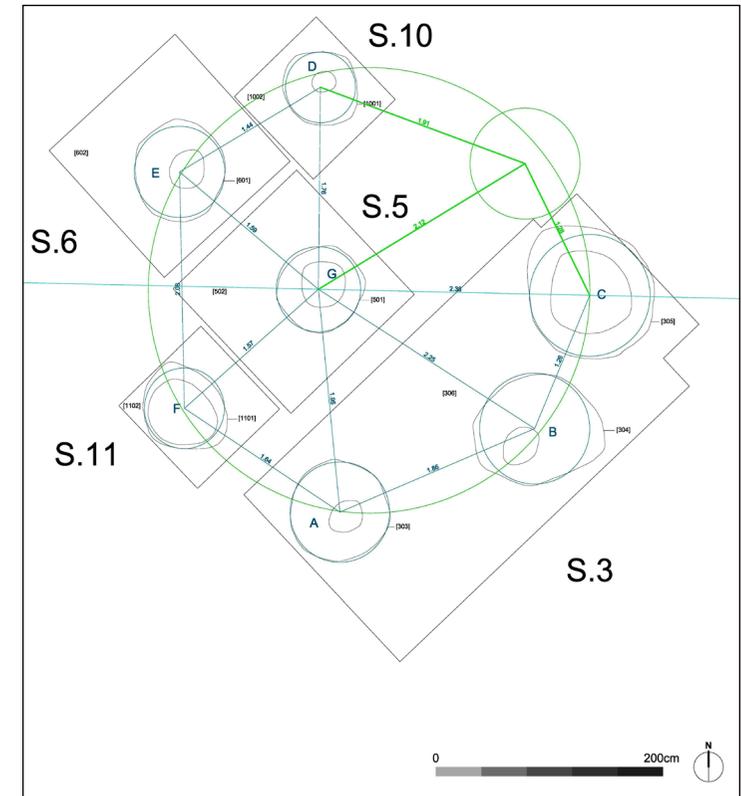


Figura 10. Varandas 2, projeção de uma hipotética oitava estrutura.

monólitos de pedra (círculo de fossas pouco profundas) formando, em conjunto com as estruturas funerárias, um espaço de práticas ritualizadas que se inscreve num quadro ideológico pan-europeu, do qual os recintos de fossos e o megalitismo ortostático são igualmente exemplos de larga abrangência espacial” (ibid.: 38). No caso de Moreiros 2, a possibilidade é colocada com base nos resultados de trabalhos de prospeção geofísica, que permitiram documentar “encaixes de postes de paliçadas e estruturas circulares com dimensões de boca semelhantes [às de Outeiro Alto 2]” (ibid.: 37).

Quando comparamos Varandas 2 e Outeiro Alto 2 existe um conjunto de diferenças a assinalar: o conjunto de Outeiro Alto 2 apresenta uma planta mais complexa do que a de Varandas 2; o diâmetro da circunferência delineado pela distribuição das estruturas é maior em Outeiro Alto 2; o conjunto de estruturas de Outeiro Alto 2 apresenta uma variabilidade morfológica mais acentuada do que as estruturas de Varandas 2; no que diz respeito às dimensões, as estruturas de Varandas 2 correspondem às estruturas Classe B de Outeiro Alto 2, sendo de salientar que, quando se considera isoladamente a organização espacial de tal classe em Outeiro Alto 2, não se denota a tendência circular registada nas outras Classes; o conjunto de estruturas de Outeiro Alto 2 apresenta uma relação com estruturas de inumação, ao contrário de Varandas 2, onde as estruturas não apresentam uma relação com qualquer contexto em particular. Neste sentido, estamos face a construções que, podendo partilhar aspetos de uma mesma tradição arquitetónica, parecem poder corresponder a dispositivos arquitetónicos muito distintos.

#### 4. NOTA FINAL

Neste artigo problematizamos a organização espacial de um conjunto de estruturas em negativo de Varandas 2. Para tal, recorreremos ao conceito de espacialidade proposto por R. Ledrut (1999), a partir do qual analisamos a “ordem das coexistências possíveis” que nos sugeria o conjunto de estruturas em análise. Tal exercício permitiu-nos indagar o modo como as estruturas constroem uma rede de relações espaciais da qual resulta uma delimitação circular do espaço. Considerando tal delimitação e a padronização espacial das relações entre as estruturas, avançamos com a possibilidade da existência de uma oitava estrutura localizada

numa área que não foi afetada pelo projeto. Discutimos também a possibilidade deste conjunto de estruturas se tratar de valas de fundação de construções em altura, interpretando-o como possível construção em madeira ou em monólitos de pedra. Parece-nos pertinente considerar tais hipóteses (como o fazem A. Valera e V. Filipe (2012) a propósito de Outeiro Alto 2), uma vez que a sua discussão leva-nos, fundamentalmente, a ficar face à opacidade dos dados que possuímos para o desenvolvimento da interpretação desta realidade. Refira-se que tal opacidade é constrangedora no momento de decidir acerca do tipo de dispositivo arquitetónico que pode ter estado associado ao conjunto de estruturas em análise porque, efetivamente, não possuímos pontos de comparação nem elementos de análise que nos permitam avançar, de modo sustentado, com uma determinada “imagem”. Assim, neste momento da pesquisa, visualizar os contornos de tal dispositivo arquitetónico só poderá ser feito enquanto exercício de imaginação; usufruindo desse exercício como modo de conhecer e explorar a “ordem das coexistências possíveis”. Neste sentido, as duas últimas imagens (Fig. 11 e 12) que acompanham este texto não devem ser entendidas enquanto reconstruções, mas enquanto material de exercícios de visualização em que se indaga a espacialidade das comunidades pré-históricas.

## NOTAS

1 Neste sentido, refira-se que as estruturas das Sondagens N.º 4 e 7 apresentam afinidades morfológicas com algumas das estruturas deste conjunto, podendo também fazer parte desta “unidade”. Note-se que a formulação desta hipótese decorre apenas desta semelhança morfológica, encontrando-se a análise do padrão da distribuição espacial das estruturas muito condicionado à área do subsolo colocada a descoberto durante a obra.

## BIBLIOGRAFIA

Baptista, L., Gomes, S., (2013): “Contributos para o estudo das modalidades de construção do espaço das “estruturas de planta em osso” e sub-retangulares alongadas”, *Atas do VI Congresso de Arqueologia do Suroeste Peninsular*, editado por Jiménez Avila, J., Bustamante, M. & García Cabezas, M. 4 e 6 de Outubro de 2012,



Figura 11. Ilustração 1, a imagem foi criada no Google sketchup 8, software de imagem em 3D; foi usado o modelo do “menir do outeiro”, Monsaraz, disponível em [http://sketchup.google.com/3dwarehouse/details?mid=9c4338bbd723f554779d665e620ad0d9&prev\\_start=0](http://sketchup.google.com/3dwarehouse/details?mid=9c4338bbd723f554779d665e620ad0d9&prev_start=0)



Figura 12. Figura 12 – Ilustração 2, a imagem foi criada no Google sketchup 8, software de imagem em 3D.

Villafranca de los Barros (Badajoz), pp. 389-415.

Baptista, L. Gomes, S. (2012): *Relatório Final. Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Varandas 3*, Arqueologia e Património Lda., Beja.

Baptista, L. Pinheiro, R., Gomes, S. (2013a): *Relatório Final. Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Varandas 1*, Arqueologia e Património Lda., Beja.

Baptista, L. Pinheiro, R., Gomes, S. (2013b): *Relatório Final. Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Varandas 2*, Arqueologia e Património Lda., Beja.

Bradley, R. (2007): *The Prehistory of Britain and Ireland*, Cambridge University Press, Cambridge.

Ledrut, R., (1999): "O Homem e o Espaço", *História dos Costumes – O Homem e o Objecto*, volume 1, direcção de Jean Poirier, Lisboa, Editorial Estampa: 55-89

Thomas, J. (1999): *Understanding the Neolithic*, Routledge, London.

Valera, A., Filipe, V. (2012): "A Necrópole de hipogeus do Neolítico Final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa)", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p. 29-41.

Valera, A. C. e Becker, H. (no prelo): "Arqueoastromia, geofísica e recintos de fossos da Pré-História Recente no Sul de Portugal", *Xelb. Actas do 8º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, C.M.S.

Whittle, A. (1996): *Europe in the Neolithic. The creation of new worlds*, Cambridge University Press, Cambridge.